

## **O sonho por uma República: considerações acerca do movimento separatista da Província da Bahia**

VENTURINI, Luan Gabriel Silveira<sup>1</sup>

**RESUMO:** Nesse trabalho apresento algumas considerações sobre o movimento da Sabinada (1837-1838) ocorrido em Salvador, ressaltando o contexto político e social do período como um dos fatores para a ação dos revoltosos, pois se tratava de um momento turbulento e cheio de novas ideias. E ao longo do texto pretendo aproximar o leitor das ideias que moveram aquela revolta durante aqueles poucos meses: o republicanismo e o federalismo, ressaltando a influência nacional e internacional para o movimento. Além disso, procuro analisar o duplo caráter que o movimento teve, e apresentar o que fez os sabinos mudarem a sua proposta em pouco tempo. Finalmente, aponto que apesar do pouco tempo de ação, essa revolta ameaçou, tanto quanto as outras do período, desestabilizar o poder.

**Palavras chaves:** Movimento da Sabinada; político e social; republicanismo e federalismo; duplo caráter.

### **The dream for a Republic: considerations about the separatist movement of the Province of Bahia**

**ABSTRACT:** In this paper I present some considerations about the Sabinada movement (1837-1838) that occurred in Salvador, highlighting the political and social context of the period as one of the factors for the action of the rebels, because it was a turbulent moment and full of new ideas. And throughout the text I intend to approach the reader of the ideas that moved that revolt during those few months: republicanism and federalism; highlighting the national and international influence for the movement. In addition, I try to analyze the double character that the movement had, and to present what made the Sabines change their proposal in a short time. Finally, I point out that despite the short time of action, this revolt threatened, as much as the others of the period, to destabilize the power.

**Keywords:** Sabinada movement; political and social; republicanism and federalism; double character.

## **INTRODUÇÃO**

Nesse ensaio tratarei de um movimento que, apesar do pouco tempo de ação, ameaçou, como as outras revoltas do Período Regencial (1831-1840), romper a integridade do Império. Portanto, deve-se considerar que esse período foi o mais turbulento e, de certa forma, caótico para quem governava, pois, como nos conta o historiador Marco Morel (2003), houve uma grande movimentação em vários setores daquela sociedade; passando por indígenas, escravos, grupos urbanos, rurais,

---

<sup>1</sup> Acadêmico do curso de História da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Três Lagoas. Bolsista PET História-Conexões de Saberes. E-mail: luan\_silveira10@hotmail.com

intelectuais, entre outros. Movimentação abordada pelo autor como um grande “laboratório” de ideias e práticas de cunho político e social:

Penso que o período regencial pode ser visto como um grande laboratório de formulações e de práticas políticas e sociais, como ocorreu em poucos momentos na história do Brasil. Nele foram colocados em discussão (ou pelo menos trazidos à tona): monarquia constitucional, absolutismo, republicanismo, separatismo, federalismo, liberalismo em várias vertentes, democracia, militarismo, catolicismo, islamismo, messianismo, xenofobia, afirmação de nacionalidade, diferentes fórmulas de organização de Estado (centralização, descentralização, posições intermediárias), conflitos étnicos multifacetados, expressões de identidades regionais antagônicas, formas de associações até então inexistentes, vigorosas retóricas impressas ou faladas, táticas de lutas as mais ousadas... A lista seria interminável. (MOREL, 2003, p.9)

E é sobre duas dessas ideias que tratarei num primeiro momento, o republicanismo e o federalismo, pois foram as que se fizeram presentes nesse movimento, revelando-se a necessidade de compreender primeiro esses dois conceitos, para que depois se possa entender o que os revoltosos da Sabinada (1837-1838) almejavam para a província da Bahia.

Primeiramente, como apresento no título, o movimento se inicia com caráter separatista, ou seja, os revoltosos tomaram a capital Salvador com o intento de realmente separar a província do restante do Império e formar um estado livre. Mas, devido a alguns percalços – que explicarei adiante – logo no início da revolta viram-se, de certa forma, “obrigados” a reconsiderar e substituir esta proposta, o que, segundo Augustin Wernet (1982), também constava na Ata de Proclamação do dia 7 de novembro de 1837. Então colocaram em prática o federalismo republicano – inspirados pelo exemplo norte-americano – de modo que, segundo Juliana Lopes (2008), o Estado da Bahia passava então a afirmar seu retorno ao conjunto do Império, mas almejava mais autonomia política, financeira e administrativa às províncias.

Pretendo compreender aqui todas essas colocações, inclusive o porquê do Estado da Bahia reconsiderar a proposta separatista. A partir de agora, retomo aos conceitos de republicanismo e federalismo para que fique possível entender o que moveu aqueles revoltosos.

## **IDEIAS IMPORTADAS**

Como observa a autora Tatiana de Lima:

Pode-se concluir daí, que o Federalismo tem também como mister a aplicação do princípio da subsidiariedade pelo Estado, pois levará, com isso, a um

Governo Central mais equilibrado, com menos intervenção, com menos poder, resultando em um país mais democrático. (LIMA, 2008, p.5)

O federalismo, como destaca a autora, seria um “limitador” do poder do Governo Central, gerando mais autonomia para os membros da União, autonomia política, administrativa e, principalmente, econômica. Ou seja, o federalismo permite uma descentralização do exercício do poder do Governo Central.

Feitas as primeiras considerações acerca do federalismo e pensando na conjuntura política da época no Império, bem como na consequência que isso tinha na situação da Bahia, fica mais fácil compreender o porquê daqueles indivíduos também proporem a descentralização do poder, inserida na Ata do dia 7 de novembro de 1837.

A Bahia não passava então por boas condições financeiras, devido a apropriação das rendas da província pelo Estado nacional centralizador e único, além disso, a maioria dos cargos administrativos, políticos e militares e o comércio eram ocupados e controlados pelos portugueses, causando a revolta dos brasileiros. A falta de imperador fez surgir questionamentos acerca do regime monárquico, proporcionando assim discussões sobre a descentralização do Império.

As insatisfações, os questionamentos e as incertezas, atrelaram-se ao exemplo norte-americano de república do final do século XVIII, pois como destaca Wernet “[...] o povo baiano não tinha a necessária participação na ‘coisa pública’. E evocando o exemplo dos Estados Unidos da América do Norte, indicavam o regime republicano como modelo a seguir.” (WERNET, 1984, p.71)

Além do exemplo norte-americano, a ideia republicana presente no movimento da Farroupilha – que ocorria no sul do Império desde 1835 – também influenciou aqueles indivíduos. Apesar das revoltas estarem distantes geograficamente, elas estiveram bem próximas ideologicamente, já que a ideia republicana, segundo Paulo César de Souza (2009), andava pelo ar durante o período regencial e ficava “flutuando” pelo Império, saindo do Rio Grande do Sul e chegando até a Bahia, influenciando as ideias de quem era contrário à falta de um Imperador, a falta de autonomia e a forte dominação política do centro. Mesmo com a distância física, os dois movimentos estavam próximos, no campo das ideias e das ações.

Após o elencado acima, nota-se que o republicanismo é uma forma política de os indivíduos terem participação no Estado, em que este mesmo Estado tem de

atender os interesses da maioria, do povo. Já o federalismo é uma forma de limitar o poder central desse Estado, para que ele não seja unitário, dando assim autonomia para os demais membros inseridos nele, os estados e municípios da federação. Como destaca Lima “[...] todos os Estado Federativos saem de três premissas que devem ser observadas por todos os países que o adota, quais sejam, autonomia política, autonomia econômica e autonomia administrativa.” (LIMA, 2008, p.1)

Após essa breve elucidação dos conceitos é possível compreender o que é um sistema federalista republicano e as suas premissas diante de uma sociedade. É possível entender também os motivos que levaram os revoltosos da Sabinada a aderirem e lutarem por essa proposta. Assim sendo, parto agora para o período em que a respectiva revolta estava inserida, para entender em que contexto se deu o movimento. Trata-se de um período turbulento e de muitas incertezas para o regime vigente, como veremos.

## **O PERÍODO REGENCIAL: ANOS INCERTOS**

O período regencial inicia-se a partir do momento que Dom Pedro I abdica do cargo de imperador do Brasil e o seu sucessor – o seu filho Dom Pedro II – não possuía idade suficiente para assumir o Império. Então, este período vago de chefe de estado foi comandado por diversos regentes, até que o sucessor chegasse a maioridade, por isso é chamado de regencial. Desta maneira, foi essa conjuntura que produziu conflitos e questionamentos sobre a centralização monárquica e introduziu questões sobre o federalismo republicano.

Mas o que levou Dom Pedro I a essa decisão? Para Wernet (1982) os “liberais exaltados” contribuíram fortemente para a saída do imperador, pois, após a renovação do tratado de comércio de 1827 entre o Brasil e a Inglaterra, essa oposição ao Primeiro Reinado – que seria oposição ao período regencial também – teve plena consciência de que o Brasil era dependente de outro país, então era uma dupla dependência: de Portugal e naquele momento, definitivamente, da Inglaterra. Estes brasileiros “radicais” apontavam que a aristocracia portuguesa não promovera a liberdade e independência.

Além do elencado acima, se tinha insatisfação ao governo de Dom Pedro I também em relação aos cargos de ministros mais influentes, colaboradores e conselheiros, por serem de origem portuguesa. Os cargos mais altos do Exército e a Assembleia Constituinte também estavam nas mãos dos lusos, além do comércio,

que era predominado por portugueses. Todos esses fatores fizeram com que aumentasse o antilusitanismo entre os brasileiros, pois como nos conta Wernet (1982), eles almejavam uma independência nacionalista.

Este autor observa que Dom Pedro I tentou agradar a população brasileira e apaziguar as tensões, para isso ele nomeou um novo Ministério em 19 de março de 1831, com políticos novos e de origem brasileira, colocados ali para satisfazer a opinião pública nacional. Mas as manifestações continuaram e o Ministério não atendia as ordens do imperador de proibi-las. Por isso, no começo do mês de abril ele substituiu os ministros por outros antigos que obedeciam às vontades imperiais. Esse ato fora o estopim para novas e definitivas agitações, que fizeram o imperador abdicar do trono no dia 7 de abril daquele ano.

O período regencial durou nove anos – de 1831 a 1840 – e foi marcado por diversas revoltas e ideias, diversos conflitos e questionamentos. Como o historiador Boris Fausto salienta, foi um período dos mais agitados da história política do país:

O período regencial foi um dos mais agitados da história política do país e também um dos mais importantes. Naqueles anos, esteve em jogo a unidade territorial do Brasil, e o centro do debate político foi dominado pelos temas da centralização ou descentralização do poder, do grau de autonomia das províncias e da organização das Forças Armadas. (FAUSTO, 1995, p.161)

Fausto (1995) ainda ressalta que após a abdicação de Dom Pedro I a tendência política preponderante de regentes foi a dos “liberais moderados”, que se organizaram de acordo com a Sociedade Defensora da Liberdade e Independência Nacional e que não queriam o fim do regime monárquico. Nessa tendência, havia padres, políticos e graduados em Coimbra, muitos eram proprietários de terras e de escravos. De ideia contrária a dos liberais moderados havia os “exaltados” – esses foram os que arquitetaram e colocaram em prática o movimento da Sabinada – apresentados anteriormente, mas que, no período regencial, defendiam a autonomia das províncias, a federação e as liberdades individuais. E havia também os “absolutistas”, de maioria portuguesa, que queriam a volta de Dom Pedro I e por isso eram conhecidos como restauradores.

As reformas que ocorreram durante este período, segundo Fausto (1995), visavam diminuir as atribuições de órgãos da monarquia e criar uma nova forma de organização militar, que reduzisse o papel do exército. Pois, no início do período regencial, a base do exército era vista de forma suspeita pelo governo, já que era

formada por gente mal paga, insatisfeita e propensa a aliar-se ao povo nas rebeliões urbanas. Então, essa base causava preocupações.

A base do exército realmente se aliaria ao povo em uma revolta urbana, mais especificamente no movimento da Sabinada. Esses militares estavam revoltados com as condições de trabalho, com os salários e com os privilégios dos soldados portugueses – que já vinham desde a época do primeiro reinado – criando um sentimento antilusitano.

Como ressalta Morel (2003) levas de soldados portugueses, fugidos de Dom Miguel, chegaram ao Brasil durante o primeiro reinado e foram acolhidos pelo imperador, e também mantidos pelos cofres públicos. Isso causou um enorme descontentamento entre os brasileiros do exército – que compunham a base – que se arrastou até o período regencial. Outro ponto observado pelo mesmo autor, que fez crescer o sentimento antilusitano durante o primeiro reinado e que também se estendeu e criou atritos no período regencial, foi a tensão entre os comerciantes – maioria portuguesa – e boa parte da população. Esse sentimento antilusitano, formado nas várias superfícies daquela sociedade, foi um ingrediente essencial para transformar o período regencial em um cenário “perfeito” para questionamentos, movimentos e revoltas.

E é nesse cenário que a revolta da Sabinada – de novembro de 1837 até março de 1838 – se insere. O sentimento antilusitano junto ao desejo de autonomia das províncias e de liberdade individual moveram aqueles revoltosos que, liderados pelo médico e jornalista Francisco Sabino, tentaram alcançar o sonho que tinham de república.

### **A REVOLTA DA SABINADA (1837-1838)**

O clima em Salvador era bastante tenso nos últimos meses de 1837 e, segundo a historiadora Magali Gouveia Engel (2002), isso se devia a memória recente da revolta do Malês – de 1835 – e que se agravou com as péssimas condições de vida na cidade, resultado de várias secas, escassez e altos preços dos gêneros alimentícios, além do sentimento de revolta com os lusos. Outro ponto que agravou ainda mais as tensões em Salvador foi o decreto do governo de recrutamento militar obrigatório para combater a Guerra dos Farrapos, que estava ocorrendo no sul do país. A partir daí começa a surgir um ambiente de questionamentos em relação ao regime, pois já não era mais bem visto devido a

falta da figura do imperador e da falta de autonomia provincial, castigando economicamente a Bahia, visto que grande parte de sua renda era destinada ao governo central. Além disso, estava “[...] acentuado as cores do antilusitanismo, inclusive nos meios populares.” (MOREL, 2003, p.13)

Todo esse ambiente de questionamento na capital baiana culminou com a renúncia do regente Diogo Antônio Feijó, por não conseguir controlar as revoltas. Este clima em Salvador, como em todo o Império, se juntou ao movimento de manifestação contra os portugueses. Foi um período marcado pelo antilusitanismo, pois os portugueses controlavam a maior parte do comércio e ocupavam a maioria dos cargos administrativos, políticos e militares, causando a revolta dos brasileiros contra os benefícios que estes estrangeiros tinham em solo brasileiro, graças a Coroa Portuguesa. Comerciantes brasileiros, militares brasileiros e profissionais liberais brasileiros compartilhavam do mesmo desejo de autonomia.

A revolta da Sabinada eclodiu devido a esse cenário de completo descontentamento com a situação provincial e com o sentimento de negação aos portugueses. Além disso, Morel (2003) observa que juntamente com a falta de um imperador, a centralização do poder imperial e a política regressiva do governo regencial desagradaram muito a população. Por isso, os revoltosos queriam mais autonomia política, administrativa e econômica. Para isso viam na separação da província do restante do Império o melhor caminho. Além da questão de autonomia, o programa desse movimento trazia, segundo Lopes (2008), outros elementos, como, por exemplo, a liberdade de imprensa.

Após o elencado acima, podemos ver que a revolta da Sabinada se inicia com caráter separatista, ou seja, a então recém-criada República Bahiense negaria qualquer regência a partir daquele dia 7 de novembro de 1837 e tomaria as suas próprias decisões. Essa foi uma medida que os revoltosos queriam e que entendiam ser o melhor caminho para a Bahia, mas não foi isso que a maioria dos locais também entendeu. Por isso, ao invés de apoiarem o movimento, começaram a esvaziar a cidade, com medo das consequências dessa atitude. Dois dias depois da decisão do governo baiano, muitos indivíduos haviam deixado a cidade. Como consequência, eles voltaram a se pronunciar através de uma nova ata. Vou então analisá-la, para entender qual foi e como se deu a decisão tomada em relação a essa “catástrofe” – não esperada – que estava ocorrendo:

Os cidadãos abaixo assinados, desejosos de que a tranqüillidade pública por nenhuma maneira sofra a mais leve alteração, por isso que se há conhecido que o lapso de pena da ata que teve lugar em o memorável dia 7 do corrente ante a Câmara Municipal, quanto a não se ter expressamente declarado que a separação d'este Estado será até a maioria de dezoito anos de S. M. o Imperador, o Sr. D. Pedro 2.<sup>o</sup>, como diz o Art. 121 da Constituição para o Império do Brasil, há introduzido receios e desconfianças n'esta Capital, em consequência de se ter assentado n'esta medida, quando se tratou do glorioso feito provido n'aquela dia, e por aquela ata, vem representar o expellido a V. Exa. para que se digne, com a brevidade possível, convocar a Câmara Municipal, e as classes gerais d'este Estado, a fim de que, reunidas, se proceda em ata a mencionada declaração, pois que estão convencidos de que esta medida é tanto de suma vantagem quanto a única capaz de fazer conseguir todos os ânimos a abraçarem a causa proclamada, livrando o Estado do flagelo que ordinariamente se experimenta, quando as mudanças políticas do governo não são unanimemente abraçadas. (*apud*, LEITE, 2006, p.62) <sup>2</sup>

Primeiramente, como a ata apresenta, muitos daquela população não queriam de maneira alguma que a tranqüillidade pública fosse alterada – apesar de ser necessário para que houvesse mudança. Por isso quando Francisco Sabino e seus apoiadores proclamam a República Bahiense, eles estão representando a quebra ou o rompimento com o sistema monárquico – mesmo temporariamente – sistema que regia o Brasil e que a população estava habituada a viver. Então, quando a população percebe que, após essa tomada da capital pelos revoltosos, não iriam mais viver no sistema que estavam habituados e sem a menor ideia de como seria, surgem o receio, o medo e a insegurança. Agora, além da fome e das dificuldades cotidianas, eles passariam a viver com essa incerteza. Por esse motivo os indivíduos começaram a deixar Salvador.

A partir daí, como podemos perceber nesse discurso, os revolucionários mudam a proposta do movimento com o intuito de frear o esvaziamento da cidade, pois queriam o apoio popular para fortalecer a revolta. Então, eles afirmam que o Estado da Bahia voltaria ao conjunto do Império, mas somente após o imperador Dom Pedro II chegar a maioria e assumir o trono. Mas se analisarmos com cuidado esse discurso, iremos notar que os revoltosos tentam esclarecer para a população que isso já estava nos planos do movimento, só não havia sido claramente expresso na ata do dia 7 de novembro, e que isso foi um lapso deles.

Observando o estudo de Douglas Guimarães Leite (2006) – que nos ajuda a melhor compreender esse discurso – fica claro que essa ata do dia 9 de novembro não foi elaborada para explicar que os revoltosos já tinham essa medida inserida

---

<sup>2</sup> Fonte: Representação, 9 de novembro de 1837 (VIANNA, 1937, pp.117-8).



nos planos do movimento e só não teria sido esclarecida. E porque não foi elaborada com esse intuito? Porque, como nos conta Leite (2006) os revoltosos não pretendiam voltar ao conjunto do Império. Eles queriam realmente separar a província para obterem a tão desejada autonomia. Mas devido a essa circunstância, viram-se de certa forma “obrigados” a dialogarem de outra maneira com a população, para não sofrerem com tal mudança inesperada, manifestada na falta de apoio dos locais, e assim estabeleceram outra proposta.

Mas ao mesmo tempo em que foi uma medida “desesperada” de tentar evitar uma maior perda da população local, já que ficariam vulneráveis e desamparados, foi também uma tentativa de angariar um maior número de apoiadores para a causa, pois com essa atitude eles se mostrariam realmente republicanos: o “estado” buscou atender o interesse do povo.

Como Leite (2006) observa, a medida de retorno ao conjunto do Império após a maioria do imperador Dom Pedro II realmente não se fazia presente nas propostas da ata do dia 7 de novembro, mas a proposta de um sistema federalista republicano, segundo o autor Wernet (1982), já se fazia presente nessa primeira ata. E por isso, após esse acontecimento e com apenas dois dias de movimento, os revoltosos passaram a afirmar que voltariam ao conjunto do império com a coroação do novo imperador, mas queriam a implantação desse sistema federalista no Brasil, pois não abriam mão da autonomia provincial perante o conjunto.

O objetivo da revolta acaba, de certa forma, se restringindo a isso, e como ressalta Engel (2002), apesar dos líderes da Sabinada terem sido julgados pelo crime de insurreição, este movimento não foi abolicionista em nenhum momento. Para se confirmar isso, basta analisar os decretos do governo rebelde, que em primeiro lugar só previa alforria para os negros escravos que se alistassem no batalhão “Libertos da Pátria”. Os senhores seriam ressarcidos pelos sabinos, mas os libertos teriam que pagar uma indenização ao governo Sabino por essa liberdade, ou seja, se trata de uma medida inserida no sistema escravista. E ainda, esta medida se limitava aos escravos crioulos (nascidos no Brasil), quando na verdade a maioria dos cativos da província naquela época era de origem africana.

## **CURTO E IMPORTANTE**

Embora fosse a maior revolta na Bahia, entre as rebeliões da Regência, a Sabinada foi a de menor vulto. Segundo Souza (2009), as outras mobilizaram

populações maiores, sobre áreas mais extensas e por períodos mais longos também. Mas, se fizeram pouco, em compensação, os revoltosos falaram muito. Realmente foram pouco eficazes na concretização de seus planos, mas tiveram a preocupação de expor, convencer e justificar.

Para isso, eles recorreram a jornais, em que o mais importante foi o “Novo Diário da Bahia”, do médico e jornalista Francisco Sabino, o líder que deu nome ao movimento. Souza (2009) observa algo muito importante em relação ao movimento, que tanto nos artigos de imprensa, quanto nas exortações aos soldados, nos decretos e portarias do governo revolucionário, a Sabinada revelou-se uma dupla natureza de rebelião: revolta popular contra os poderosos e contra a corte do Rio de Janeiro (poder central).

Essa insatisfação provincial com o poder central, como nos conta Luiz Felipe de Alencastro (1997), vinha desde o primeiro reinado e por isso não era algo exclusivo do período regencial. Desde lá, as províncias – incluindo a Bahia – viam no governo central do Rio, dominado pelos conservadores, uma imagem de poder “ditador” que, segundo Alencastro, tirava atribuições desses lugares, os deixando completamente dependentes e submissos da corte em assuntos, por exemplo, judiciários, policiais, financeiros e administrativos.

Por isso que essas publicações de artigos de imprensa – principalmente no Novo Diário da Bahia – contrários ao poder central do Império não se deram somente durante o movimento. Elas já vinham ocorrendo e se intensificaram do meio do ano de 1837 para o final. Como forma de facilitar a elucidação de como se dava essa oposição ao governo vigente através dos meios de comunicação da época, analisaremos agora um pequeno e interessante trecho do jornal do revoltoso Francisco Sabino:

Senhora Corte central, cuide no seu centro que nós só podemos ser felizes cuidando cá na nossa periferia. Ganhe por lá se quiser gastar tanto que nós não estamos mais para sustentar semelhante madrasta. (*apud*, LEITE, 2006, p.35)<sup>3</sup>

Percebe-se nesse trecho o tamanho da insatisfação daqueles jornalistas locais com o governo, que como dito anteriormente, se apropriava das rendas da província, deixando-a em má situação financeira, prejudicando assim os moradores. Além de estarem expondo as suas insatisfações e revolta, estavam também

---

<sup>3</sup> Fonte: “Novo Diário da Bahia”, 11 de agosto de 1837 (LEITE, 2006, pp. 396-403).

querendo chamar a atenção dos moradores locais para o problema e conscientizá-los a fim de perceberem que aquilo não estava correto.

É interessante notar também que esse discurso de agosto de 1837 já mostrava o desejo de autonomia provincial daqueles futuros revoltosos, e por isso afirmam nessa passagem que a Corte deveria ganhar o seu próprio lucro se quisesse gastar tanto, porque a província não queria mais sustentar o centro. A nomeada “periferia”, como observamos na passagem, queria tomar conta dos seus próprios interesses, das suas próprias questões, queria então tomar as suas próprias decisões.

Assim, como nos conta o historiador Leite (2006) nascia um dos principais jornais de oposição ao regime, e que em nenhum momento se calaria, sendo fundamental na divulgação de ideias e justificativas durante os meses ulteriores, as quais se intensificariam durante o movimento.

## **QUEM ERAM OS SABINOS E COMO SE DEU A REVOLTA**

Ao contrário de algumas revoltas, como a dos Malês, na própria Bahia, a Cabanagem no Grão-Pará, a Balaiada no Maranhão, a maior parte desses revoltosos não fazia parte das camadas populares, pois a classe que tomou frente desse movimento foi a média. Como nos conta Engel (2002), além de ser liderada por homens livres, eles compartilhavam da condição de proprietários. Então, a revolta era composta por comerciantes e profissionais liberais, como médicos, advogados e professores como, principais líderes, e o médico e jornalista Francisco Sabino foi o principal líder, tanto que remonta a origem do nome da revolta.

Além dos profissionais liberais, é preciso destacar que, com o passar do tempo, o movimento começou a ganhar mais seguidores no meio urbano e conseguiu o apoio do exército baiano. Provavelmente esse apoio se deve a insatisfação dos soldados em relação aos salários ruins e ao sentimento de negação contra os portugueses, que compunham a classe mais alta do exército e usufruíam de maiores privilégios. Como já ressaltado, criou-se então na base do exército brasileiro um sentimento antilusitano, que se juntou ao mesmo sentimento dos comerciantes e às ideias dos liberais de alcançarem a autonomia e libertarem a Bahia dessa submissão.

Mas, com o passar dos meses, os rebeldes não conseguiram obter a adesão de senhores de terras do Recôncavo, nem encontraram apoio significativo junto à

população escrava e livre, permanecendo restritos aos limites urbanos da cidade. Por isso, quando o governo regencial, juntamente com Feijó, preparou um ataque com tropas do Império para recuperar a cidade, eles rapidamente conseguiram, em março de 1838, reprimir o movimento e invadir a cidade, bloqueando todas as saídas de Salvador. Assim, após dominarem a cidade por cerca de quatro meses e também alguns quartéis, o movimento chega ao seu fim. Possivelmente, a falta de apoio de outros segmentos da sociedade baiana, que fortaleceriam o movimento, foi o fator crucial para a não concretização dos planos dos revoltosos.

Houve muita violência para conter a revolta. Centenas de casas dos participantes foram queimadas pelas forças militares do governo. Ocorreram mais de 2 mil mortes e mais de 3 mil revoltosos foram presos. Os líderes da Sabinada foram perseguidos e capturados pelas forças militares, dando fim definitivamente ao movimento.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Souza (2009) em alguns momentos, entre outros historiadores, caracteriza a revolta da Sabinada como “uma simples revolta de rua”. Como pudemos observar neste texto existem dados, fontes, ideias, narrativas e diversas interpretações que ajudam a desmistificar a Sabinada e revelam que apesar dos poucos meses de ação o movimento teve muita importância para o período.

Durante a reconquista organizada pelo império, como observa Souza (2009), entre mortos, prisioneiros e réus, há uma estimativa de 5 mil pessoas; e se levarmos em consideração que Salvador possuía cerca de 65 mil habitantes naquela época, podemos ver o quanto esse movimento urbano foi importante, já que conseguiu mobilizar cerca de 5 mil indivíduos daquela cidade.

A Sabinada foi então mais uma das revoltas que ameaçou romper a integridade do Império durante o período Regencial. E como nos conta Souza (2009) apesar de às vezes ser caracterizada como “uma simples revolta de rua”, temos que a olhar de outra maneira e ver a sua real importância, já que se tinha muito temor perante a Sabinada, porque havia muitos focos na mesma província e também existiam na de Pernambuco, e em outras do Império estavam aparecendo, ou seja, o Brasil iria receber um golpe mortal com o progresso da revolta da Bahia. Esse temor, essa preocupação se torna evidente quando ela chega ao fim e diversas pessoas no Rio de Janeiro, em Ouro Preto e em outras cidades pelo Império comemoram o seu

fim e dão graças pela vitória imperial. Essa preocupação com a sequência do movimento caracteriza bem a importância que ele teve e que busquei explicitar neste texto.

## REFERÊNCIAS

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. Vida privada e ordem privada no Império. In: NOVAIS, Fernando A. (coordenador-geral da coleção); ALENCASTRO, Luiz Felipe de (organizador do volume). *História da vida privada no Brasil: Império*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

ENGEL, Magali Gouveia. Sabinada. In: VAINFAS, Ronaldo (Org.) *Dicionário do Brasil Imperial (1822-1889)*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 2ª. Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fundação do Desenvolvimento da Educação, 1995.

LEITE, Douglas Guimarães. *Sabinos e diversos: emergências políticas e projetos de poder na revolta baiana de 1837*. Salvador: Dissertação (Mestrado em História) Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

LIMA, Tatiana Maria Silva Mello de. O federalismo brasileiro: uma forma de estado peculiar. *Estação Científica Online*. Juiz de Fora, n. 05, p.1-15, jan. 2008.

LOPES, Juliana Serzedello Crespim. *Identidades Políticas e Raciais na Sabinada (Bahia, 1837-1838)*. Dissertação (Mestrado em História) Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

MOREL, Marco. *O período das Regências (1831-1840)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

SOUZA, Paulo César de. *A Sabinada. A revolta separatista da Bahia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

VIANNA, Francisco Vicente. *A Sabinada. História da Revolta da Cidade da Bahia em 1837*. PAEBa (Publicações do Arquivo do Estado da Bahia), 1937, vol.I.

WERNET, Augustin. *O Período Regencial: 1831-1840*. São Paulo: Global Ed., 1982.